



A Torre dos Saberes Compartilhados: caminhos de leitura em uma revisão sistemática sobre professoras negras na Educação Matemática

Elisabete Maria das Neves Lima Pereira¹
Edmar Reis Thiengo²

Resumo do trabalho: Este artigo apresenta uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) ancorada nos referenciais da interseccionalidade e da decolonialidade, no contexto da pesquisa Entre Corpos, Saberes e Resistências: Narrativas de Professoras Negras de Matemática na Educação Básica. O objetivo é identificar lacunas e contribuições nas produções acadêmicas acerca dos atravessamentos de raça, gênero, classe e trajetória profissional de professoras negras na Educação Matemática. A metodologia combina abordagens qualitativa e quantitativa, com o uso da ferramenta BUSCAid para levantamento em bases como CAPES, SCIELO, Periódicos CAPES, DOAJ e BDTD. Foram inicialmente identificados 256 trabalhos, refinados até a seleção de 21 produções. Os resultados evidenciam avanços no uso de narrativas e da interseccionalidade, mas apontam lacunas na articulação entre esses marcadores sociais e a prática pedagógica em Matemática. Argumenta-se que tais ausências não são casuais, mas refletem a permanência de uma epistemologia hegemônica que historicamente marginaliza corpos, saberes e experiências negras no campo da Educação Matemática. Conclui-se pela urgência de ampliação desse campo investigativo, reconhecendo as professoras negras como produtoras de saberes e agentes de transformação de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação Matemática; professoras negras; interseccionalidade; narrativas; corpo-território.

A construção desta Revisão Sistemática de Literatura (RSL) está ancorada nos marcos teóricos da interseccionalidade e da decolonialidade, compreendidos não apenas como referenciais analíticos, mas como posicionamentos político-epistêmicos. Ao buscar compreender como professoras negras de Matemática (re)significam seus corpos-territórios em práticas pedagógicas críticas, evidencia-se a necessidade de mapear o que vem sendo produzido sobre essa temática, bem como problematizar os silêncios que a atravessam.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Educimat/Ifes, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil, email: eadbete@gmail.com

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, atuando no curso de Licenciatura em Matemática e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Educimat/Ifes, Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. Professor orientador, email: thiengo.thiengo@gmail.com



Parte-se da compreensão de que suas experiências denunciavam desigualdades estruturais e, simultaneamente, afirmam epistemologias insurgentes. Assim, a revisão vai além da reunião de estudos, priorizando produções que tensionem o currículo, desnaturalizem opressões e reconheçam mulheres negras como produtoras de saberes.

A centralidade das narrativas orienta a seleção de trabalhos sobre trajetórias docentes, identidade profissional, marcadores sociais e práticas pedagógicas, com destaque para Collins (1990), Crenshaw (1989), hooks (1994), Ribeiro (2017), Akotirene (2018), Bento (2024) e Rios (2019). Soma-se a contribuição de Mbembe (2018), cuja noção de necropolítica permite compreender processos de invisibilização e morte simbólica de corpos negros na educação.

A revisão dialoga com tais referenciais ao reconhecer o protagonismo de professoras negras na construção de uma Educação Matemática situada na realidade brasileira, plural e marcada por desigualdades e potências.

O conceito de corpo-território, conforme Miranda (2020), compreende o corpo como “texto vivo” (p. 25), espaço simbólico e político de memórias, identidades e resistências. Para essas docentes, trata-se de um território que ensina, resiste e produz saberes.

Tal perspectiva articula-se à Pedagogia Libertadora e à Pedagogia da Autonomia de Freire (1979, 1996), que afirmam a educação como prática política e valorizam os saberes da experiência. No campo da Educação Matemática, Skovsmose (2000) e D'Ambrosio (1993, 1996), defende uma abordagem crítica. Ambos sustentam uma Matemática comprometida com a justiça social. Acrescenta-se Cunha (1997), que enfatiza práticas pedagógicas contextualizadas e significativas.



A abordagem desta RSL configura-se como posicionamento político-epistêmico, afirmando corpos-negros-mulheres como territórios de (re)existência e as narrativas como caminhos de reconfiguração da Educação Matemática.

O estudo tem como objetivo identificar lacunas e contribuições nas produções sobre raça, gênero, classe e trajetória profissional de professoras negras na Educação Matemática no Espírito Santo, orientando-se pela questão: quais lacunas existem nessas produções?

A metodologia, de natureza qualitativa e quantitativa, utiliza a ferramenta BUSCA^d para mapear artigos, dissertações e teses, promovendo reflexões voltadas a práticas pedagógicas inclusivas.

A RSL organiza-se em quatro momentos: metodologia, exposição dos dados, análise dos resultados e considerações finais, com foco em desdobramentos futuros.

Esse trabalho, faz parte da dissertação de mestrado **Entre Corpos, Saberes e Resistências: Narrativas de Professoras Negras de Matemática na Educação Básica** em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vila Velha (EDUCIMAT) e integra o projeto de pesquisa Decolonialidade, Interseccionalidade, Sexualidades, Práticas Antirracistas e outras Encruzilhadas com a/na Matemática desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Devires (Educação Matemática, Diferença e Inclusão).

A Ponte dos Métodos: Caminhos da Revisão

A metodologia desta Revisão Sistemática de Literatura foi estruturada a partir de abordagem qualitativa e quantitativa, com o objetivo de identificar, organizar e analisar produções científicas sobre as experiências de professoras negras na Educação Matemática. Para garantir rigor, sistematicidade e



transparência, utilizou-se a ferramenta digital BUSCAD, validada na área educacional por explicitar as etapas de identificação e triagem em diferentes bases de dados.

Foram consideradas inicialmente as bases Capes/T&D, SciELO, Periódicos Capes, DOAJ e BDTD, totalizando 256 trabalhos. Outras plataformas, como Google Acadêmico, PubMed e EduCapes, foram excluídas por indisponibilidade ou por não apresentarem aderência ao escopo da pesquisa. A busca foi realizada em 20/01/2025, utilizando combinações de descritores com operadores booleanos (AND), tais como: “professoras negras AND Educação Matemática”, “interseccionalidade AND corpo-território” e “narrativas”.

A metodologia seguiu critérios reconhecidos na literatura, como definição prévia do objetivo, uso de operadores booleanos, delimitação temporal, explicitação das bases consultadas e avaliação da qualidade dos estudos, conforme orientações de Barbara Kitchenham (2007). A combinação das abordagens qualitativa e quantitativa justifica-se por possibilitar, simultaneamente, a compreensão dos sentidos e contextos das experiências docentes e a identificação da incidência de temas e lacunas nas produções analisadas.

Os critérios de inclusão contemplaram: (i) publicações em português; (ii) entre 2010 e 2023; (iii) acesso gratuito e integral; e (iv) abordagem de professoras negras, articulando raça, gênero, classe e prática docente em Educação Matemática. As palavras-chave foram combinadas de modo a abarcar dimensões como Educação Matemática, corpo-território, interseccionalidade, formação docente e narrativas.

A triagem ocorreu em três etapas: leitura de títulos e resumos, leitura integral dos textos e organização conforme aderência aos objetivos da pesquisa. Esse processo possibilitou identificar contribuições e lacunas no campo, ao mesmo tempo em que reafirma o compromisso da revisão com a visibilização de saberes historicamente



marginalizados, reconhecendo as experiências docentes negras como fontes legítimas de conhecimento e promovendo deslocamentos epistemológicos.

A Colheita dos Saberes: coleta de dados

A etapa de coleta de dados consistiu no levantamento e extração das produções identificadas pela ferramenta BUSCA^{Ad}, com base nos critérios metodológicos de Keele (2007), considerando título, objetivo, palavras-chave, ano, tipologia (artigo, dissertação ou tese), área e categorias analíticas relacionadas a raça, gênero, classe e atuação de professoras negras na Educação Matemática.

Os dados foram organizados em planilha analítica, funcionando como matriz de análise para cruzamento de informações e identificação da incidência de conceitos centrais, como corpo-território, interseccionalidade e práticas pedagógicas críticas. A sistematização permitiu a elaboração de tabelas e gráficos, favorecendo a identificação de recorrências temáticas, lacunas e contribuições.

A busca inicial resultou em 250 trabalhos nas bases Capes/T&D (109), SCIELO (3), Periódicos CAPES (28), DOAJ (7) e BDTD (103). Após exportação e triagem, dos 250 trabalhos, 79 duplicados foram excluídos, totalizando 171 produções. Em seguida, aplicaram-se filtros por tipologia (mestrado, doutorado e um artigo) e área (Educação e Educação em Ciências e Matemática), reduzindo o corpus para 59 trabalhos.

A partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave, foram excluídas produções com fuga temática, resultando em 21 trabalhos selecionados, com aproximação direta ou indireta ao objeto da pesquisa. Ressalta-se que os trabalhos excluídos foram considerados para análise do distanciamento temático no campo.

Entre os selecionados, destaca-se um artigo publicado no Boletim do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GEPEM), periódico Qualis A4 nas áreas de Educação e Ensino, intitulado “Marcadores sociais da diferença,



interseccionalidade e a necessária articulação com formação de professorias que ensinam matemática” (2023). Os 21 trabalhos seguiram para análise aprofundada, considerando diferentes períodos históricos e a permanência de abordagens marcadas por perspectivas eurocêntricas.

Com base na triagem, organizou-se o Quadro1, que distribui os trabalhos por termos de busca, tipologia, ano e quantidade:

Quadro 1 – Distribuição dos trabalhos por sequência de busca e tipologia

Termo principal / Sequência de busca	Dissertações	Teses	Artigo	Quantidade
“professoras negras” AND interseccionalidade	3	–	–	3
“professoras negras” AND corpo-território	2	–	–	2
“professoras negras” AND narrativas	10	–	–	10
“educação matemática” AND interseccionalidade	1	1	1	3
narrativas AND “professoras de matemática”	3	–	–	3
Total	19	1	1	21

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Observa-se que a combinação “professoras negras” com “narrativas” e “interseccionalidade” concentra a maior parte dos estudos, evidenciando a valorização das experiências docentes e de múltiplas identidades. Em contrapartida, termos como “corpo-território” e sua articulação com a Educação Matemática ainda são incipientes, indicando lacunas no campo e a necessidade de ampliação de investigações que articulem raça, gênero, corpo e prática pedagógica. A recorrência da interseccionalidade reforça sua centralidade como categoria analítica nas produções recentes.

As Tramas Reveladas – resultados dos dados e análise

A análise dos 21 trabalhos selecionados revelou contribuições relevantes e lacunas significativas no campo da Educação Matemática. Embora haja



crescimento de produções sobre professoras negras, são ainda escassos os estudos que articulam explicitamente raça, gênero e classe à prática pedagógica em Matemática.

As dissertações e teses concentram-se, majoritariamente, em abordagens interseccionais e narrativas, com ênfase em identidade docente, formação e práticas de resistência. Predominam produções oriundas de programas de pós-graduação em Educação e Educação em Ciências e Matemática, indicando uma abertura ainda incipiente ao debate racial no campo.

A centralidade das narrativas como metodologia reforça a valorização das experiências de professoras negras como produção de conhecimento, rompendo com silenciamentos históricos, conforme apontam autoras como Collins, hooks e Akotirene. Ainda assim, a articulação dessas experiências com o ensino de Matemática permanece limitada.

A análise, realizada a partir do grau de aproximação dos estudos ao objeto da pesquisa, evidenciou que, embora haja avanços na incorporação da interseccionalidade, persistem lacunas na relação entre identidade racial e prática pedagógica em Matemática, especialmente no que se refere ao conceito de corpo-território.

Grande parte das produções explora contextos da Educação Básica, sobretudo Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o que restringe o diálogo com a Educação Matemática. Outros estudos ampliam o debate ao abordar dimensões como formação docente, maternidade, religiosidade, ruralidade, corporeidade e ensino superior, contribuindo para a compreensão das múltiplas experiências das docentes negras, ainda que não se concentrem na Matemática.



Destacam-se, entretanto, dois trabalhos que se aproximam diretamente do objeto desta pesquisa: “História pra Ninar o Preconceito” (Sarraf, 2022) e “Trançando Narrativas de Professoras Negras de Matemática” (Oliveira, 2024), ambos centrados em professoras negras de Matemática, com enfoque interseccional e em práticas pedagógicas críticas.

Outros estudos, como os de Gomes (2021), Oliveira (2023) e Cafe (2023), abordam interseccionalidade e marcadores identitários, mas sem foco na Matemática. Pesquisas como as de Jesus (2023) e Queiroz (2023) destacam a escrevivência e a resistência, enquanto Goulart (2016) e Andrade (2021) discutem educação antirracista e trajetórias docentes, também sem articulação direta com o ensino matemático.

Há ainda investigações que ampliam o campo analítico ao abordar religiosidade (Marcelino, 2021), ruralidade (Silva, 2023), imaginário (Talma, 2016), corporeidade (Sousa, 2019), maternidade (Carneiro, 2023), enfrentamentos cotidianos (Silva, 2013), traumas (Pereira Junior, 2024), práticas culturais (Pulhez, 2023), formação em Matemática (Guse et al., 2023), experiências no ensino superior (Souza, 2024) e narrativas, ambos (Silva, 2022) e (Soares, 2022).

De modo geral, embora esses estudos contribuam para a valorização das trajetórias e narrativas de professoras negras, a interseccionalidade entre raça, gênero e classe na construção da identidade profissional de professoras de Matemática ainda constitui uma lacuna expressiva. Observa-se, ao longo do tempo, um silenciamento persistente dessas discussões no campo do ensino, especialmente no que se refere à visibilização de corpos negros na Educação Matemática.

Esses resultados evidenciam que, apesar dos avanços nas abordagens narrativas e interseccionais, o tema permanece marginalizado, reforçando a necessidade de ampliação de pesquisas que articulem marcadores sociais e prática



pedagógica em Matemática. Tal constatação fundamenta a relevância deste estudo ao propor uma abordagem decolonial e interseccional para a Educação Matemática.

Tecendo Horizontes – Considerações finais

Os estudos analisados convergem ao evidenciar a Educação Matemática como um espaço historicamente marginalizador para mulheres negras, cujas narrativas revelam resistências a estereótipos raciais e de gênero, a construção de práticas pedagógicas inclusivas e a necessidade de maior suporte institucional. A interseccionalidade destaca-se como ferramenta crítica para compreender como raça, gênero e classe atravessam trajetórias profissionais e práticas docentes.

A metodologia narrativa, ancorada em Cunha (1997), Ribeiro (2017) e Akotirene (2019), emerge como abordagem potente ao legitimar experiências de professoras negras como formas de resistência e (re)existência. Cunha enfatiza a narrativa autobiográfica na construção do conhecimento; Ribeiro afirma o lugar de fala; e Akotirene evidencia os marcadores sociais como dispositivos de análise crítica. Contribuições de hooks e Collins reforçam a experiência vivida como fonte legítima de saberes e emancipação.

Este estudo reafirma a necessidade de integrar epistemologias de resistência e pedagogias culturalmente relevantes à formação docente. Nessa direção, D'Ambrosio e Skovsmose, convergem com a Educação Matemática crítica, apontam para um ensino comprometido com contextos socioculturais e com a transformação social.

A RSL evidencia a urgência de incluir as vozes de professoras negras na construção de uma Educação Matemática mais equitativa, reconhecendo-as como protagonistas de transformação. Os resultados indicam a necessidade de romper



com práticas excludentes e fortalecer políticas educacionais que garantam representatividade, condições dignas de trabalho e permanência na docência.

Espera-se que esta pesquisa contribua para o avanço do campo, fomentando práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com a justiça social.

Referências

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

BENTO, B. **Entrevista feita por Patricia Fachin a revista IHU|27 de junho de 2024.** A herança colonial e escravocrata constitui o racismo no Brasil. Entrevista especial com Berenice Bento. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/640777>.

BENTO, B. **Abjeção: a construção histórica do racismo.** São Paulo: Cult Editora: 2024.

CARNEIRO, E. S. **Maternagem nas narrativas de uma professora de matemática em um blog.** 2023. 93f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

CORDEIRO, R. V.; OLIVEIRA R. A. **Fatores comunicacionais para elaboração de produtos/processos educativos em Programas Profissionais de Pós-graduação na área de Ensino/Educação em Ciências e Matemática: reflexões emergentes e em movimento.** Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas, Belém, v. 17, n. 39, p. 253-270, dez. 2021. ISSN 2317-5125. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/11627>>. Acesso em: 30 maio 2025. doi: <http://dx.doi.org/10.18542/amazrecm.v17i39.11627>.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].



CRENSHAW, K. **Desmarginalizando a interseção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista**. Fórum Jurídico da Universidade de Chicago, n. 140, p. 139-167, 1989.

CUNHA, M. I. **Conta-Me Agora! : As Narrativas como Alternativa Pedagógica na Pesquisa e no Ensino**. Revista da Faculdade de Educação, v. 23, n. 1 – 2, p. 185 – 195, jan. 1997.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: um programa**. Educação Matemática em Revista, v. 1, n. 1, p. 5-11, 1993.

D'AMBRÓSIO, U. **D'Ambrosio entrevista Paulo Freire**. 1996. Disponível em: <https://www.nonio.fc.ul.pt/rvcc/matematica/entrevista.doc>. Acesso em: fev. 2025.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do oprimido (17ª ed.)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

BATISTA, H G.; ESQUINCALHA, A. C.; CARVALHO, G. S. **Marcadores sociais da diferença, interseccionalidade e a necessária articulação com formação de professorias que ensinam matemática**. Boletim GEPEM, [S. l.], n. 83, p. 265–286, 2023. DOI: 10.4322/gepem.2023.021. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/857>. Acesso em: 10 mar. 2026.

HOOKS, B. **Teaching To Transgress (1st ed.)**. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203700280>, 1994.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KITCHENHAM, B.; MADEYSKI, L.; BUDGEN, D. **SEGRESS: Diretrizes de engenharia de software para reportar estudos secundários**. Transações IEEE



sobre Engenharia de Software, v. 49, n. 3, p. 1273-1298, 2022.022.

KEELE, S. (2007) **Diretrizes para a realização de revisões sistemáticas de literatura em engenharia de software**. Relatório técnico, EBSE Relatório técnico EBSE-2007-01, 1-57.

MBEMBE, A. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIRANDA, E. O. **Corpo-território & educação decolonial: Proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <http://proex.uefs.br/arquivos/File/EBOOKcorpoterritorioeducacaodecolonialrepositorio.pdf>.

OLIVEIRA, T. A. **Trançando Narrativas De Professoras Negras De Matemática Sob Uma Cosmopercepção Da Análise Crítica Interseccional Do Discurso**. Dissertação (Mestrado). - Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, p.58. 2024.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento / Justificando, 2017.

RIOS, J. A. V. P. **Narrativas de experiências pedagógicas: territórios de (re)existências na formação docente**. Rutas de formación: prácticas y experiencias, n. 11, p. 15-24. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.23850/24631388.n11.2020.3809>. Acesso em: 5 maio 2021.

SKOVSMOSE, O. (2000). **Cenários para investigação**. Bolema, 13(14), 66-91, 2000.

SOUSA, M. C. **Revisitando a disciplina História da Matemática: justiça social aos conhecimentos matemáticos de povos não eurocêntricos**. Boletim GEPEM, [S. l.], v. 1, n. 84, p. 154–178, 2024. DOI: 10.69906/GEPEM.2176-2988.2024.972. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/gepem/article/view/972>. Acesso em: 10 mar. 2025.